

## Cinema

Ao unir dois contos do sul-matogrossense Joca Reiners Terron, “Não Devore Meu Coração” não encontra seu tom

# Perdido entre o onírico e o realista

### CONTINUAÇÃO DA CAPA

■ DANIEL OLIVEIRA

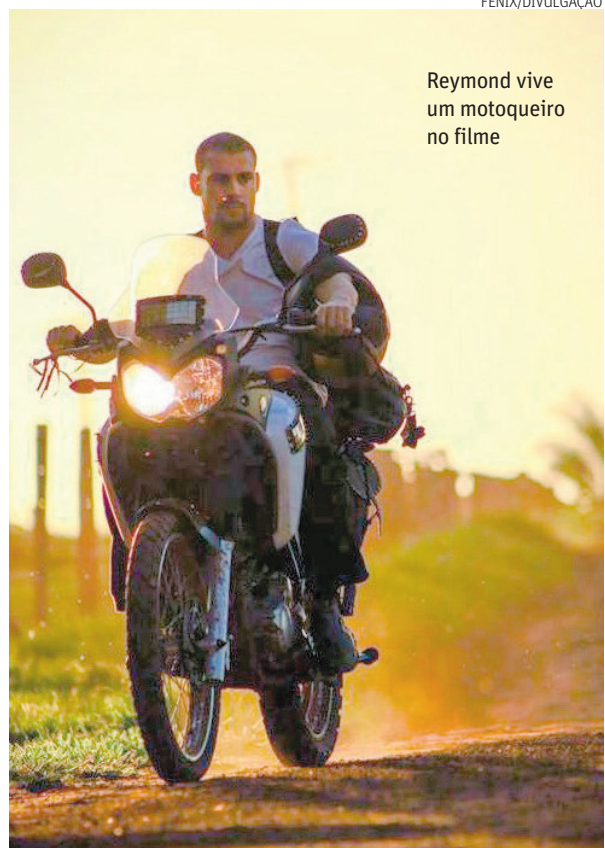
Em “Não Devore Meu Coração”, que deve estreiar nesta quinta na capital, o diretor Felipe Bragança transforma dois contos do escritor sul-matogrossense Joca Reiners Terron na história de dois irmãos em Bela Vista, na fronteira do Brasil com o Paraguai. O pequeno Joca (Eduardo Macedo) sofre de amores pela índia guarani-paraguaia Basano (Adeli Benitez), enquanto seu irmão Fernando (Cauã Raymond) faz parte de uma gangue de motoqueiros que antagoniza a comunidade indígena, e pode ou não estar envolvida no seu massacre.

E o grande problema do longa é que Bragança trata cada uma dessas histórias com um tom narrativo diferente, que nunca forma um todo coeso. O romance adolescente de Joca flerta com o aspecto onírico-fantástico dos trabalhos anteriores do cineasta, como “A Alegria”. A trama motoqueira tem um niilismo realista, filmado em

tons de neon e uma trilha oitentista, que remetem desde “Drive” a John Carpenter e Michael Mann. E, no final, “Não Devore” ainda assume um tom alegórico e uma trilha épica glauberianos. O cineasta tenta usar esses universos para abordar temas tão diversos quanto a masculinidade retrógrada do interior brasileiro a questão indígena da região e a herança sangrenta da Guerra do Paraguai, mas o resultado – além de problemático, ao insinuar que os guaranis seriam mais paraguaios que brasileiros, um discurso usado pela bancada ruralista – acaba sem foco e um tanto esquizofrênico.

No último Festival de Brasília, onde o longa teve sua première nacional, o diretor carioca explicou que isso se deve ao fato de que se trata de uma história sem um ponto de referência que crie um único imaginário: “Meus outros trabalhos tinham um personagem central, e a fabulação dele já começava dona do filme. Neste, a fabulação do amor romântico, mágico, do Joca vive um embate com a aventura e a figura do macho niilista do Fernando. O longa é

FÊNIX/DIVULGAÇÃO



Raymond vive um motoqueiro no filme

### Cauã no cinema

“Azuis” (2019), previsto  
“Pedro” (2019), previsto  
“A Dupla” (2018)  
“Piedade” (2018)  
“Não Devore Meu Coração” (2017)  
“Reza a Lenda” (2016)  
“Tim Maia” (2014)  
“Alemão” (2014)  
“Reis e Ratos” (2012)  
“Estamos Juntos” (2011)

“Não se Pode Viver sem Amor” (2011)

PANDORA/DIVULGAÇÃO



“Meu País” (2011)  
“À Deriva” (2009)  
“Divã” (2009)  
“Se Nada Mais Der Certo” (2008)  
“Falsa Loura” (2007)  
“Ódiquê?” (2004)

esse embate, conectado por resquícios da história do país”, descreveu.

Essa oposição, no entanto, acaba refletida no choque entre o tom naturalista dos atores locais, que não conseguem melhorar um roteiro de diálogos forçados e expositivos, e a forte estilização da fotografia e da boa trilha, que tentam dar ao longa um tom fabular onírico, que lembra os filmes do tailandês Apichatpong Weerasethakul. “O lugar da fábula vem muito de pegar os elementos do local e saturar o volume para levar as coisas a um estado de sonho. Não consigo filmar nada que não me remeta a um lugar de sonho”, justificou Bragança.

Com a dramaturgia preterida em favor dessa opção por estilo, as relações entre os personagens parecem frágeis, sem cativar muito o espectador – especialmente devido ao contraste incômodo entre a atuação mais tradicional de Cauã Raymond e Cláudia Assunção e o elenco local.

## Publicações independentes ganham sede

HÉLVIO



FLÁVIA DENISE

flavia.denise@gmail.com

**Estava convencida – e ainda estou – de que as grandes obras literárias do nosso tempo vão despontar de forma despreziosa em gráficas amadoras e poderão ser compradas das mãos de seus autores antes de serem reconhecidas em todo o país e ganharem as grandes editoras e as redes de livrarias**



Quem são os autores e os artistas independentes de Belo Horizonte? Quem quisesse responder a essa pergunta dez anos atrás teria que buscar nas ruas da cidade uma cena, que se tornou comum, em que uma figura caminha, com uma pilha de livros, fanzines ou outras obras debaixo do braço, e aborda todos aqueles que lhe oferecem um olhar na esperança de encontrar, além de um comprador, uma pessoa interessada em ler e dialogar.

Eu mesma vivi muito esse cenário. Estava convencida – e ainda estou – de que as grandes obras literárias do nosso tempo vão despontar de forma despreziosa em gráficas amadoras e poderão ser compradas das mãos de seus autores antes de serem reconhecidas em todo o país e ganharem as grandes editoras e as redes de livrarias (Daniel Galera e sua editora Livros do Mal estão aí para confirmar essa impressão). E, assim, sigo comprando fanzines, pequenos livros e artes gráficas originais ou impressas para alimentar minha coleção.

Nos últimos anos, porém, a capital mineira tem vivido um momento de eferescência que facilita a vida de gente que, como eu, pretende encontrar esses criadores. A história começa em 2013, quando feiras de publicações independentes começaram a pipocar pela cidade, passa por 2015, ano em que esses eventos se multiplicaram, e tem um ápice neste ano, quando eles consolidaram-se na programação da cidade com uma organização mais profissional. Entre as boas feiras que ocorrem atualmente, é importante destacar duas iniciativas: a Textura, dedicada à literatura independente ou de microeditoras; e a Faisca – Mercado Gráfico, a maior das feiras que ocorrem atualmente em BH.

Enquanto a Textura se prepara para fechar o ano em 16 de dezembro, quando reunirá nomes da literatura local no Agosto Butiquim, no bairro Prado, a Faisca teve sua última edição de 2017 no sábado passado. Ao longo de seus três anos e 22 edições, o evento reuniu mais de 350 autores, artistas e editores independentes. Ali, entre mesas enfileiradas nas quais cada um apresenta trabalhos que, em sua grande maioria, são expressões artísticas autênticas e desvinculadas de interesses comerciais, tem sido possível observar o nascimento de um grupo de pessoas que encontrou mais do que um comprador para sua arte – elas criaram uma comunidade que reconhece o valor de suas criações.

Como em toda história em que a cultura independente é protagonista, a feira passa por um momento de incerteza. Sem patrocínio para o ano que vem, a edição do sábado passado pode ter sido a última. Eles estão, inclusive, procurando parceiros (vamos ajudar, pessoal!). A redenção fica com a notícia anunciada pelos criadores do evento, Jão e Helen Murta, no fim de semana. Ao contrário da minha coleção de publicações independentes, que eu mantenho para meu próprio deleite, os criadores da feira estão abrindo uma biblioteca de publicações independentes com obras doadas por autores e artistas que expõem sua arte em BH.

A Fanzinoteca Faisca será inaugurada em 30 de novembro e vai funcionar no centro cultural municipal Usina de Cultura (rua Dom Cabral, 765, Ipiranga). O acervo, com mais de 200 itens, funcionará como uma exposição permanente e, ao contrário do que aponta o nome, não se reduz aos fanzines, mas engloba todo tipo de produção editorial independente, muitas com tiragens pequenas e sem circulação fora das feiras – uma bela ajuda para quem busca conhecer autores e artistas independentes da cidade.